

Perfil

Para além-mar

Um amor que começou em alto-mar e adotou o Brasil como cenário definitivo

Por Marcella Chartier

Na noite anterior à partida, o italiano que deixava seu país teve um sonho: um jardim enorme e florido, e os vultos sem rosto de uma mulher e de um menino. "Era uma premonição", afirma Sergio Pugno, de 78 anos, que veio da Itália em 1949, numa viagem que definiu seu destino. Ele é casado com Liliana, de 82 anos, que conheceu no navio, e com quem teve um filho - hoje com 55 anos.

A harmonia na convivência do casal é evidente. Na sala da casa na Avenida Ultramarino, no Alto do Mandaqui (zona Norte de São Paulo), o espaço favorito de Sergio é o do aparelho de som.

A vitrola, o CD player, vinis e CDs minuciosamente organizados indicam a paixão pela música. Sergio fala com entusiasmo da beleza do jazz com violinos, de seu gosto por MPB e dos que considera os melhores músicos do mundo. Liliana nem se atreve a mexer no móvel.

"Vou para o meu canto e fico fazendo meus colares, precisamos ter nosso espaço individual também", conta. Ela garante que já fez quase 300 colares. Não são destinados à venda, mas dados como presente às pessoas próximas. O que os dois adoram dividir é a narração de sua história de amor. Não se cansam de repetir o quanto o destino tramou para que ficassem juntos.

O Conte Grande era um transatlântico em viagem inaugural e foi indicado a Liliana - que voltava ao Brasil depois de uma visita feita a parentes em seu país de origem - como a opção mais confortável no momento do embarque. O mesmo aconteceu com Sergio, que tinha lugar reservado em outra embarcação para seguir para Buenos Aires, na Argentina, porque seu pai havia sido convidado para dirigir uma fábrica de biscoitos. As duas famílias aceitaram fazer a troca, e o navio partiu de Gênova, parando em vários pontos da Europa. A primeira vez que Liliana e Sergio se viram foi em Cannes, na França.

A jovem de 22 anos havia notado a beleza e o porte do rapaz que chamara sua atenção já na Itália, mas ele ainda não a vira. Num desejo comum de contemplar a paisagem marítima, os dois procuraram o melhor lugar: ele ficou no passadiço, exatamente embaixo da ponte de comando; ela foi sozinha para a proa. "Eu vi o vento mexendo os cabelos dela, que eram pretos, e pensei: mas que mulher linda!", lembra Sérgio.

"Aí ela se virou e nosso olhar se encontrou, como se fosse um relâmpago, de tão rápido".

Os cabelos dela, hoje, são loiros. Cachos bem arrumados, perfume suave, um lenço no pescoço e brincos de pérola. O olhar de Sergio ainda é apaixonado e retribuído pelo de Liliana, que segura firme nas mãos do marido enquanto lembra os primeiros momentos que os dois passaram juntos. "Na terceira classe do navio não tinha orquestra e, como eu sabia bem na época, todos me pediam para tocar piano", conta Liliana. Sergio a reconheceu tocando e, enquanto todos dançavam, aproximou-se e perguntou se alguém poderia substituí-la no instrumento, para que ele pudesse dançar com a moça. Um americano que tocava *folk* se ofereceu e o casal dançou. "Foi aí que começou o namoro, mas muito respeitoso", conta Liliana. O primeiro beijo só aconteceu dias depois. "Ele falou pra mim: 'vamos na primeira classe?' Quería beijar, lógico", lembra Liliana.

O Brasil estava cada vez mais próximo, e o momento da separação também. Na despedida, trocaram fotografias, endereços, e derramaram muitas lágrimas. Combinaram que Sergio escreveria assim que chegasse "Eu, como mulher, não queria ser oferecida", conta Liliana. Assim foi: a primeira carta chegou e, por quatro meses, o casal se comunicou dessa forma.

Uma das cartas que chegou era do pai de Sergio para o de Liliana. Ele explicava que seu filho estava disposto a se estabelecer no Brasil, já que havia se apaixonado pela moça que conhecera no navio. O pai de Liliana construiu, então, um quartinho nos fundos da casa para que o namorado de sua filha morasse. "Ele veio no carnaval de 1950, ficou até meio tonto com tanta folia", lembra Liliana. Depois de uma semana no Brasil, conseguiu um emprego como técnico em receptores de rádio e televisão e começou a guardar dinheiro para o casamento, que aconteceu um ano depois. Ela trabalhou, por trinta anos, na loja de seu pai. "A loja tinha de tudo: alumínio, aço inox, cristal, brinquedos, plástico, louça", conta ela. Hoje, os dois são aposentados e passam a maior parte do tempo cuidando um do outro. Sergio começou a escrever um livro sobre a história do casal. "Por enquanto só há uma máquina de escrever e rascunhos", conta.



Arquivo pessoal

Liliana e Sergio se encontraram num navio que vinha da Itália para o Brasil



Marcella Chartier

O casamento já dura 56 anos e os dois se confessam apaixonados como nos primeiros dias de namoro